

O blog *Escreva Lola,* *Escreva:* o caminho da crônica

Regina Rossetti*
Cristian Boragan**

Resumo

*Blogs são páginas pessoais da Web, como diários online. Neste artigo, trata-se do blog como uma mídia social e de sua linguagem textual próxima do jornalismo e da literatura. Analisa-se o blog *Escreva Lola Escreva* por meio da metodologia da análise do discurso. Os resultados apontam para uma proximidade com a linguagem do jornalismo literário, principalmente a da crônica jornalística.*

Palavras-chave: *Comunicação e inovação. Linguagem jornalística. Jornalismo literário. Blogs.*

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS. Doutora em Filosofia com pós-doutorado pela USP. E-mail: rossetti@uscs.edu.br.

** Jornalista. Mestre em Comunicação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). E-mail: crisboragan@gmail.com.

Introdução

Na virada do século XXI começam a aparecer, em maior número na internet, os *blogs*. Orihuela (2007), pesquisador espanhol, ensina que os *blogs* são páginas pessoais na WWW, o primeiro meio nativo da internet, semelhantes a um diário, que torna possível a todos publicar com poucos conhecimentos computacionais. Com isso, a centralização sai dos designers de páginas da internet e passa para o usuário e seus conteúdos. A partir de então, não há mais intermediário entre os usuários e sua voz na WWW. O termo *blog*, cunhado em 1997 por Barger, segundo Rojas Orduña (2007, p. 2), é originário de duas palavras em inglês: *Web* e *log*. Sobre o “pai dos *blogs*”, Orihuela (2007, p. 2) afirma:

De fato, considera-se que o primeiro *blog* tenha sido a página *What's new in'92*, publicada por Tim-Berners Lee a partir de janeiro de 1992 para divulgar as novidades do projeto World Wide Web. Embora mais tarde tenham ficados parecidos com diários pessoais, inicialmente a base dos *blogs* foi o link: links com um breve comentário, um registro (*log*) da navegação na web.

Por si só, a internet, como inteligência coletiva proposta por Lévy (2009), já é revolucionária no sentido de impingir transformações no jornalismo praticado nos veículos de comunicação tradicionais (jornais, revistas, rádios e TVs), que perdem em velocidade de atualização para a nova mídia.

Sobre o aspecto acadêmico, Orihuela (2007, p. 2) define assim os *blogs*:

Weblogs ou *blogs* são páginas pessoais da web (internet) que, à semelhança de diários on-line, tornaram possível a todos publicar na rede. Por ser a publicação on-line centralizada no usuário e nos conteúdos, e não na programação ou no design gráfico, os *blogs* multiplicam o leque de opções dos internautas de levar para a rede conteúdos próprios sem intermediários, atualizados e de grande visibilidade para os pesquisadores.

De acordo com Antúnez (2007), do site Bitágoras, um coletivo de *blogs* permite a qualquer usuário gerar na internet os elementos que fazem parte de uma página *online* (criação, redação, design, arquivos e licenças), é uma ferramenta chamada *Content Management System* (CMS). Em 1999 surgem nos Estados Unidos os primeiros serviços específicos para *blogs* baseados em dois pilares de sucesso: CMS e

hospedagem gratuita. A partir daquele instante, qualquer pessoa que sabia ligar um computador, escrever um texto e navegar pela internet poderia criar um *blog*. No final de 2001 a quantidade de *blogs* criados passou dos 2 milhões. (ANTÚNEZ, 2007, p. 22- 23)

Varela (2007), pesquisador espanhol, define blogosfera como o termo usado para conter o universo dos *blogs*. A palavra foi criada por Brad L. Graham em 1999. Em 2001, o próprio Graham, um blogueiro influente, renomeou o termo devido ao grande aumento na quantidade de *blogs* surgidos graças aos ataques ao World Trade Center nos Estados Unidos:

Sugiro um nome para o ciberespaço intelectual que nós, blogueiros, ocupamos: blogosfera. É suficientemente simples: a raiz da palavra é 'logos', que significa em filosofia pré-socrática princípio que governa o Cosmo, a fonte desse princípio ou a razão humana sobre o universo. (VARELA, 2007, p. 63)

Orihuela (2007, p. 10) vai além e contextualiza a importância da blogosfera no universo das mídias:

A blogosfera faz parte do novo cenário midiático e complementa as funções dos meios de comunicação tradicionais ao trazer textura e ponto de vista pessoal ao modo como os temas da atualidade são abordados, uma vez que gera agendas para-midiáticas (que extrapolam a comunicação) de grande interesse para as comunidades especializadas.

O jornalista estadunidense Hewitt (2007, p. 9) afirma que os *blogs* são como “diários de um capitão de navio”. Schittine (2004, p. 13), assim como os outros pesquisadores, concorda que os *blogs* nascem como diários, mas vai além e afirma que “é a decisão do diarista de abrir um escrito íntimo para um ou vários leitores, o que cria uma tensão entre o público e o privado”. Em um texto polêmico, o escritor Lonza (2005) define os *blogs* como uma “espécie de vômito”, algo em que o jovem escritor simplesmente despeja de forma rápida as suas ideias:

Como o próprio nome diz, o *blog* é uma espécie de vômito, uma elucubração visceral que cava fundo e tira do mais íntimo do ser as mais recônditas idiossincrasias do jovem escritor em potencial, é um corte cirúrgico & embrionário, um mantra caseiro que ressalta no dia-a-dia a escala de valores intestinal que todos nós gostaríamos de aflorar..

Para o empresário espanhol Alonso (2007, p. 124), o sucesso dos *blogs* deve-se a alguns elementos: escutar, apresentar-se, comunicar-se internamente e com públicos externos. Sem saber, ao citar o termo “escutar”, Alonso liga-se à ideia de comunicação do psicólogo estadunidense Rogers (1967, p. 37):

Importa agora citar uma das minhas descobertas mais enriquecedoras, e isto porque ela me faz sentir mais próximo dos outros. Poder-se-ia exprimir assim: aquilo que é mais pessoal é o que há de mais geral. Aconteceu-me diversas vezes que, ao falar com colegas ou estudantes, ou a escrever, me exprimia de uma maneira tão pessoal que tinha a impressão de estar a exprimir uma atitude que, provavelmente, ninguém compreenderia, porque era unicamente minha. [...] descobri quase sempre que o sentimento que a mim me parecia ser o mais íntimo, o mais pessoal e, por conseguinte, o menos compreensível para os outros, acabava por mostrar ser uma expressão que encontrava eco em muitas outras pessoas. Acabei por chegar a conclusão de que aquilo que há de único e de mais pessoal em cada um de nós é o sentimento que, se fosse partilhado ou expresso, falaria mais profundamente aos outros. Isto me permitiu compreender os artistas e os poetas como pessoas que ousam exprimir o que há de único neles.

O método terapêutico de Rogers é tão eficaz na construção de uma comunicação de sentidos para o receptor que seu emprego por um programa do computador torna a máquina uma confidente de humanos. Murray (2003, p. 76) fala sobre Eliza, nome dado a este programa de computador: “Eliza, parecia-se com um terapeuta rogeriano, o tipo clínico que devolve as inquietações dos pacientes como um eco”. Um pouco mais adiante, Murray (2003, p. 77) narra os impactos da máquina que utiliza os métodos de Carl Rogers:

um grande número de pessoas, inclusive a própria secretária, ‘solicitaram permissão para falar com o sistema [Eliza] em particular e, depois de conversar com ele por algum tempo, insistiram, apesar das explicações, que a máquina realmente os compreendia.

Para Primo (2006), o sucesso dos *blogs* deve-se ao fato de serem eles um lugar de conversação. A pesquisadora Braga (2007, p. 260) trata os *blogs* como serviços de utilidade pública:

O sucesso de um ambiente temático na internet que oportuniza espaço para a discussão [...] parece apontar para uma demanda

social reprimida preexistente, que se manifesta na recorrente definição do *blog* como serviço de utilidade pública.

Entretanto, nem todos são favoráveis aos *blogs* como novo meio de comunicação inovador. O pesquisador Castells (2007, p. 239), por exemplo, não vê a questão com o otimismo de seus colegas espanhóis:

Most *blogs* are of personal character. According to the Pew Internet & American Life Project, 52% of *bloggers* say that they *blog* mostly for themselves, while 32% *blog* for their audience.³¹ Thus, to some extent, a good share of this form of mass self-communication is closer to ‘electronic autism’ than to actual communication.¹

Outro que não acreditava no futuro dos *blogs*, principalmente como instrumento de propagação do jornalismo, segundo Borges (2007, p. 41), era o editor da versão *online* do jornal *The New York Times* em 2002, Martim Nisenholtz, “que não hesitou em dizer que tais diários da internet, ou simplesmente os *blogs*, jamais deixariam de ser um mero passatempo de crianças ou coisa de funcionários descontentes com seus chefes”.

Blogs, jornalismo e literatura

Desde seu surgimento, muitos *blogs* são utilizados para fins jornalísticos. Orihuela (2007, p. 15) diz que “a análise entre os *blogs* e o jornalismo se tornou um lugar-comum nas conferências acadêmicas”.

Varela (2007, p. 45) atribui aos cortes de verba nas redações a razão para o sucesso imediato dos *blogs* como instrumento jornalístico:

Os cortes de gastos ocorridos nas redações e o abandono de uma grande parte da informação dos dados e das notícias apresentadas pelos gabinetes de imprensa e comunicação fizeram que os jornalistas fossem tirados das ruas, dos pequenos acontecimentos. Trata-se de um território informativo de suma importância para a maioria dos cidadãos, que perdeu amplitude, intensidade e profundidade nos grandes meios de comunicação.

Há ainda, por parte desse autor espanhol, a ideia de um retorno às origens do jornalismo, algo como uma conversação, afastada da institucionalidade dos veículos de mídia tradicionais (VARELA, 2007, p. 49).

1 Tradução nossa: “A maioria dos *blogs* é de caráter pessoal. De acordo com o projeto *Pew Internet & American Life Project*, 52% dos blogueiros dizem que o *blog* é, principalmente, para ele mesmo, enquanto 32% é para sua audiência. Assim, em certa medida, uma boa parte dessa forma de autocomunicação de massa está mais perto de um ‘autismo eletrônico’ do que de uma comunicação real.”

O fato é que, como diz Orihuela (2007, p. 6), graças aos *blogs*, a agenda pública hoje “não é exclusivamente marcada pelos grandes meios de comunicação”. Para critérios de definição acadêmica, Orihuela (2007, p. 7) trata da relação entre os *blogs* e o jornalismo:

Há muitos jornalistas que escrevem *blogs*, não necessariamente sobre política, e nem sempre assinam seu nome verdadeiro. Os *freelancers*, por exemplo, utilizam seu *blog* para manter certo grau de visibilidade diante dos meios de comunicação e não perder contato com os seus leitores. Os meios começaram a publicar *blogs* como parte de seus conteúdos on-line ou como formato para determinadas coberturas. Os estudantes de jornalismo e os recém-formados aproveitam os *blogs* para criar um portfólio, aprimorar o estilo, criar um nome e fazer que seu talento ou sua especialidade se tornem conhecidos. No entanto, a grande maioria dos blogueiros é composta por pessoas que escrevem sobre o que sabem, o que gostam, o que lêem ou que acontece na mídia que, por ser pública e potencialmente de massa, funciona sem editores.

Borges (2007, p. 43), pesquisador, trata da relação entre os novos personagens no jornalismo *online*: jornalistas e não jornalistas:

Acabou a exclusividade do jornalista quanto à divulgação de informações. O fluxo da notícia, até então um monopólio de profissionais acostumados a via de mão única da comunicação passa a ter um novo personagem, desafiando princípios consolidados da estrutura midiática e convidado o jornalista para um curioso debate, por que não, com o seu leitor.

O pesquisador estadunidense Knight (2008, p. 117), em um congresso mundial para a educação do jornalismo em 2007, congresso este ocorrido em Singapura, que contava com a participação de profissionais de 44 países, tentou responder à questão: Quem é o jornalista no mundo de hoje perante os blogueiros?

Journalism paradigms are in transition. Bloggers are providing competition through their often eye-witness reports. Quality *blogs* are influencing journalism practices. Knight argued that journalists must adapt to and embrace the Internet. [...] ‘Who Is a Journalist’, the answer is no longer anyone who is employed as journalist. The answer is that potentially, anyone and everyone can be a journalist².

2 Tradução nossa: “Os paradigmas do jornalismo estão em transição. Blogueiros concorrem fornecendo muitas vezes relatos de testemunhas oculares. *Blogs* de qualidade estão influenciando as práticas do jornalismo. Cavaleiro argumentou que os jornalistas devem se adaptar e abraçar a internet. [...] ‘Quem é jornalista’, a resposta já não é mais: qualquer um que trabalha como jornalista. A resposta é que potencialmente, toda e qualquer pessoa pode ser um jornalista.”

Varela (2007, p. 89) completa a questão:

Os cidadãos que estão nos meios sociais de comunicação vieram para ficar. Sempre quiseram estar onde estão, mas as barreiras eram muito grandes: econômicas, tecnológicas, moderadoras. Esses obstáculos foram derrubados e é difícil que voltem a se levantar.

Podem um simples *blog* aproximar-se, ao mesmo tempo, da linguagem jornalística informacional e da melhor literatura? Pode o jornalismo aproximar-se da literatura e, ainda sim, ser jornalismo?

De acordo com o pesquisador Pena (2006, p. 13), são justamente os recursos de linguagem existentes na literatura que são capazes “pontencializar os recursos do jornalismo”. O pesquisador explica o conceito utilizando a metáfora da “estrela de sete pontas”, sendo que uma das funções desse jornalismo balizado em literatura é a de amplificar a realidade. (PENA, 2006, p. 7)

A ligação, segundo Marcondes Filho (2001, p. 48), do jornalismo com a literatura aconteceu, principalmente, entre 1789 a 1900, quando o jornalismo, baseando-se em um estilo literarizado (muitos escritores trabalharam como jornalistas), partiu para a economia de empresa, em outras palavras, o jornalismo de massa. A partir da década de 1960, nasceu nos Estados Unidos o *New Journalism*, Jornalismo Literário ou Literatura de Não-Ficção, como explica Silva (2009):

Há exatos cinquenta anos, os americanos Dick Hickock e Perry Smith não imaginavam que ao promoverem o assassinato de quatro pessoas na pequena e interiorana cidade americana de Holcomb estavam, de certa forma, inspirando a criação, com sangue e violência, de um gênero inovador para o jornalismo: o chamado *new journalism* – uma revolução que resgatou a literatura dentro do tradicional jornalismo norte-americano.

Ora com viés de aproximação, ora com viés de afastamento, jornalismo e literatura estão, conforme descrito acima e durante os séculos, interagindo e se complementando, entretanto, nunca da mesma maneira. Vale aqui a metáfora do filósofo grego Heráclito, citada por Winck (2009, p. 28): “O homem que volta ao mesmo rio, nem o rio é o mesmo rio, nem o homem é o mesmo homem.”

Para maior aprofundamento do tema, será estudada apenas a linguagem do *blog*, entendida aqui como linguagem dos textos, sendo

desprezadas, por exemplo, sua estética visual, a quantidade de postagens, a interação desse *blog* com as chamadas “redes sociais”, o ineditismo da informação, hiperlinks, etc.

Quem abrir as páginas do *Manual de Redação* do jornal *Folha de S. Paulo* e procurar a palavra “crônica”, vai encontrar uma explicação simplista, porém, corriqueira do termo: “A crônica aborda assuntos do cotidiano de maneira mais literária que jornalística” (FOLHA DE S. PAULO, 2007. p. 71-72). À primeira vista, essa interpretação simples do termo parece elucidá-lo por completo, mas a questão não é tão simples assim: o que é maneira literária? O que é maneira jornalística? Qual deve ser o equilíbrio entre elas?

Para o escritor Moisés (1967), o termo “crônica” deriva da palavra latina *Chronica*, aquela que trata de tempo. Na forma original, em nada se parece com a definição acima, que soma jornalismo e literatura. De início, a crônica nada mais era que o contar de fatos sucessivos em uma escala linear de tempo. Moisés (1967, p. 101) afirma que, no começo da cristandade,

designava uma listagem de acontecimentos ordenados segundo a mancha do tempo, isto é, uma sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhe as causas nem interpretá-los.

De acordo com os pesquisadores Caprino, Rossetti e Goulart (2008), é a crônica o gênero que melhor fornece mecanismos para a nova linguagem dos *blogs*. A crônica, segundo Pereira (2004, p. 32), articula em si mesma diversas linguagens:

a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações do seu mundo ao leitor.

Para Candido (1981, p. 13), a crônica “se ajusta à sensibilidade de todo o dia” e “na sua despreensão, humaniza”. É justamente esta característica da crônica, apontada por Candido, que passa a servir de base para a criação da linguagem empregada nos *blogs*. Como dito, muitos *blogs* nasceram para funcionar como simples diários, narrando a rotina de seus autores e, apontando o corriqueiro – e desprezioso –, atinge a todos em sua humanização.

Caprino, Rossetti e Goulart (2008, p. 94) afirmam que são justamente os processos de humanização e criatividade que fomentam o sucesso dos *blogs*: “As novas faces da comunicação e do jornalismo não têm apenas suporte as inovações tecnológicas”. E, mais adiante, os pesquisadores citam a crônica:

No jornalismo, podemos encontrar o fenômeno de criação presente na crônica que, na qualidade de gênero híbrido na interface entre jornalismo e literatura, não é apenas a reprodução dos fatos, mas a sua recriação. (CAPRINO; ROSSETTI; GOULART, 2008, p. 94)

Graças ao gênero híbrido da crônica – jornalismo e literatura – e os processos de sensibilidade diários é que os *blogs* alcançam enorme sucesso nos dias atuais.

Para Pena (2006), as narrativas, entendidas aqui como histórias orais, sempre foram elementos do jornalismo. As primeiras ligações do jornalismo com a literatura, porém, aconteceram entre 1830 e 1840, na França e na Grã-Bretanha, com a publicação de histórias (literárias) em capítulos:

O termo francês *feuilleton* não se referia inicialmente aos romances publicados em periódicos. Quando apareceu pela primeira vez no *Journal des Débats*, denominava um tipo de suplemento dedicado à crítica literária e a assuntos diversos. Mas a partir das décadas de 1830 e 1840, a eclosão de um jornalismo popular, principalmente na França e na Grã-Bretanha, mudou o conceito, incorporando-o à nova lógica capitalista. Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante. (PENA, 2006, p. 6)

Mais à frente, Pena (2006) afirma que o jornalismo era um ótimo negócio para os escritores, pois estes recebiam por isso e ainda adquiriam visibilidade a sua obra. “Escritores famosos como Balzac, Victor Hugo e Stendhal podem ser considerados precursores do jornalismo literário”. (PENA, 2006. p. 6)

Para explicar o que é Jornalismo Literário, Pena (2006. p. 6-7) usa a metáfora da “estrela de sete pontas”:

Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa

potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira.

De acordo com Pena (2006), a primeira ponta da estrela, “potencializar os recursos do jornalismo”, significa compreender que o jornalismo literário amplifica as técnicas do jornalismo diário e o seu *lide*. Já a segunda e a terceira pontas da estrela, “proporcionar visões amplas da realidade” e “ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos” significam retirar o jornalismo objetivo do tempo e espaço da notícia e inseri-lo em uma categoria mais ampla de tempo e espaço, dando-lhe a ideia de perenidade. A quarta ponta trata da cidadania, que, na visão de Pena, é uma das missões do jornalismo, a do espírito público. Já a quinta ponta trata de romper com o *lide*, em outras palavras, com o ar de objetividade da imprensa. A sexta ponta fala dos definidores primários, sinônimos de entrevistados de plantão. Pena propõe que o jornalismo literário entreviste novas fontes, dando novos olhares à notícia. Por último, dar perenidade e profundidade ao relato, fazer que o texto jornalístico não caia no esquecimento.

Para que este artigo tivesse logro, algumas escolhas metodológicas foram feitas a fim de demonstrar a aproximação dos *blogs* políticos, mais precisamente, dos “blogueiros progressistas”, com a linguagem empregada na literatura.

Uma das primeiras definições é afirmar que esta é uma pesquisa qualitativa. Segundo Maanen (1979, p. 520), pesquisa qualitativa é aquela que

compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre o indicador e o indicado, entre a teoria e dados, entre contexto e ação.

Sobre a análise de discurso, Rodrigues (1995, p. 15) a define como aquela que

analisa a Linguagem, mais precisamente os mecanismos no interior desta Linguagem, em outras palavras, o sentido que é construído no

interior da fala de um sujeito enquanto emissor. Isto dá ao sujeito um papel ativo, denominando este em sujeito da ação social.

Rodrigues (1995, p. 10) afirma serem duas as escolas de análise do discurso, sendo utilizada para este texto a escola francesa:

Escola Francesa: trata do ‘assujeitamento’ do emissor, em outras palavras, como este se incorpora de discursos como o religioso, o científico, o filosófico, o mitológico, o poético, jornalístico, publicitário, de uma determinada comunidade, classe social etc.

O blog *Escreva Lola Escreva*

O *blog Escreva Lola Escreva* é feito por um não anônimo: a professora-doutora Lola Aronovich, do Ceará. No próprio *blog*, ela expõe um pouco o seu currículo: “Mestra e doutora em literatura em língua inglesa pela UFSC. Desde 2010, professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC” (ARONOVICH, 2013). Aronovich, com seu *blog*, é muito mais conhecida pela militância feminista, conforme mostra nesta entrevista concedida à revista TPM:

Muita gente não acredita, mas sou feminista desde os 8 anos de idade. A julgar pela paixão com que a *blogueira* e professora universitária **Lola Aronovich**, 44, escreve seus textos sobre feminismo não é difícil acreditar que as primeiras ideias sobre o assunto tenham pipocado em sua cabeça tão precocemente. (ARONOVICH, 2011, grifo da autora)

Ainda em 2011, Aronovich e seu *blog* se envolveram em uma polêmica com o apresentador Marcelo Tas. Foi assim que este *blog* passou a ser conhecido para além da blogosfera. Sobre o atrito, a própria Aronovich explicou para à repórter da revista TPM:

O **Rafinha Bastos** falou mal das mulheres que amamentam em público, disse que as mulheres que fazem isso só querem exibir suas tetas e ainda são feias. Um discurso extremamente conservador, e o Marcelo Tas e O Marco Luque ficaram dando risada. Eu, no meu post, me dirigi mais ao Rafinha e ao *CQC*, pois os três fizeram parte da piada. Disse que aquilo era um retrocesso enorme, pois quem condena a amamentação em público no fundo, está condenando a amamentação também, ou dizendo que mulheres que amamentam têm que ficar confinadas em casa. Eu citei o Marcelo Tas uma vez só, mas eu recebi um e-mail dele me perguntando em que momento ele se posicionou contra a

amamentação. Eu respondi que havia dito que eles se posicionaram contra a amamentação em público e que ele como líder fazia parte daquilo. Ele respondeu indignado que não tinha falado nada daquilo, mas eu disse que ele também tinha responsabilidade. Após essa resposta, recebi um outro e-mail dele dizendo que eu ia aprender através de um processo, que eu seria responsável por minhas palavras. Imagino que essa ameaça tenha sido pra eu ficar com medo e tirar o post do ar. Mas eu não faço isso, nunca fiz. (ARONOVICH, 2011, grifo da autora)

O *blog* começou em janeiro de 2008, enquanto Aronovich cursava doutorado na cidade de Detroit, Estados Unidos (ARONOVICH, 2011). Além de feminista, Aronovich se declara uma militante virtual:

Sou militante virtual. O meu *blog* é o maior *blog* feminista do Brasil, pelo menos em número de visitas. Tenho leitores muito jovens, 73 por cento dos meus leitores têm menos de 30 anos, até uma meninas com menos de 12 anos. Fiquei até assustada, pela responsabilidade [risos]. Pra muita gente o primeiro contato com o feminismo é através do meu *blog*, gente que nunca tinha pensado ou se assumido feminista, tanto homens quanto mulheres. É uma responsabilidade grande. (ARONOVICH, 2011)

Aronovich totalizou, no período de análise (1º de novembro de 2013 a 31 de janeiro de 2014) 82 publicações, os *posts*, como são chamados nos *blogs*. Os textos dividem-se entre dois temas recorrentes: feminismo e cinema. Apenas em três textos o assunto não eram esses. Em dois deles, o tema era o livro recém-lançado de Aronovich, chamado *Lola*, e um dos textos comemorava o aniversário do *blog*.

O que vale notar neste *blog* é que, dos 82 textos publicados, quase a metade, 40 deles, são sobre relatos. Este é o estilo de Aronovich: publica os mais variados relatos, sempre com temas ligados a machismo, feminismo, homossexualidade e violência, tanto de homens como mulheres, anônimos ou não. Na maioria das vezes, Aronovich intermeia o relato com as próprias observações e dados jornalísticos. Diferentemente dos outros *blogs* analisados, os textos do *Escreva Lola Escreva* são muito mais longos. Assim como no caso do *blog* do Professor Hariovaldo, a estrutura semântica dos textos do *Escreva Lola Escreva* se repete, portanto, nada se perde ao analisar um único texto, pois, em suma, todos os outros se parecem em estilo e discursos ao escolhido.

Assim, por exemplo, no relato “Guest Post: o aborto que a mulher faz sozinha” (ESCREVA..., 2014), o interessante do texto é a aproximação

com a crônica de Candido (1981) e com o jornalismo literário proposto pela “estrela de 7 pontas”, de Pena (2006). Para Candido (1981), conforme mencionado, “a crônica, na sua despreensão, humaniza” e para Pena (2006, p. 6-7), esse relato potencializa

os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Conclusão

Um dos maiores problemas encontrados no percurso deste artigo é a contextualização de termos que caminham em um terreno “tão movediço”. Pegue-se por exemplo os gêneros. Todorov (1978, p. 46), ao falar sobre eles, afirmou que a dificuldade em classificar os gêneros reside porque os gêneros antigos se transformam em novos. Talvez, cansado das definições acadêmicas, Todorov (2010) afirmou: “Literatura não é teoria, é paixão”.

Os *blogs*, dizem, não são o ‘máximo dos máximos’, e idolatrá-los apenas serve para nublar o objeto de estudo diante da análise do autor deste artigo. Há muitos contra os *blogs*, como o pesquisador espanhol Castells (2007, p. 238), que os classificou como “autistas eletrônicos”. Talvez nem existam mais daqui a alguns anos, uma vez que as transformações da cibernética e do ciberespaço são, em velocidade, superior a durabilidade de qualquer pesquisa científica. Contudo, acredita-se que eles perdurarão como um espaço para uma nova forma de jornalismo, que alia a objetividade com aspectos da literatura. Os *blogs* são uma voz, não um vômito, como afirmou Lonza (2005), mas um objeto transitório, winnicottiano, dotado de paixão, aquela mesma que Rodrigues clamava faltar nos jornalistas e intelectuais.

Esse *blog* aqui apresentado aproxima-se da literatura em linguagem. Entretanto, saber disso não faz de ninguém um *expert* na nova linguagem; ela ainda é fluídica e dionisíaca, propensa a mudanças até que se cristalize. O que aqui se faz é dar um referencial, em sentido lato, sinônimo de um caminho, um norte para aqueles que querem se aventurar nas novas linguagens do ambiente virtual. Há inúmeros estudos sobre *hyperlinks*, *imagens*, etc., mas estudar a linguagem como texto é primordial para desenvolver essa ferramenta de forma a atender os estudantes de comunicação vindouros ou os meros curiosos da área.

Talvez não fosse o universo inicial de pesquisa de Caprino, Rossetti e Goulart (2008), mas, com seus relatos no *blog Escreva Lola Escreva*, quem mais se aproxima tanto de uma crônica, construindo significados nas diferentes linguagens?

Por fim, o que vale mais, o jornalismo objetivo da imprensa tradicional ou o jornalismo que utiliza a literatura feita por alguns *blogs*? Resposta: nenhum. Cada qual tem a sua importância histórica e de valor diante dos comunicadores do passado, do presente e do futuro. Cada qual, à sua maneira, existe para informar determinado público a levar notícia, independentemente da sua construção de linguagem. Cada qual ocupou papel de destaque em determinada época, fazendo com que a imprensa livre avançasse pelo mundo afora e que conceitos como cidadania, respeito e outros fossem devidamente amplificados pelo escopo jornalístico. Um modelo de linguagem não exclui o outro; o jornalismo objetivo, com seus *lides*, não é uma ameaça ao jornalismo mais literarizado dos *blogs*, e vice-versa.

Os *blogs* não são o único caminho para o novo jornalismo *online* deste século XXI, mas simbolizam um percurso que já vem sendo testado e vem funcionando, principalmente nos assuntos da política. Escolher os *blogs* políticos como objeto de análise deveu-se, além da comprovação da eficácia comunicacional, como em alguns exemplos apresentados aqui, ao fator de identificação do autor deste artigo com o assunto “política”. Talvez, em um futuro próximo, a continuidade desta pesquisa seja de elucidar quanto os *blogs*, ou melhor, a linguagem desses *blogs*, carregada de literatura, passará a influenciar a linguagens de veículos tradicionais como os jornais de papel, as revistas, o rádio e a televisão. Haverá migração, talvez, adaptação de linguagem de um meio ao outro?

Por hora essa pergunta fica em suspenso. Basta saber, neste momento, que os *blogs* ainda constroem seu cabedal de linguagem.

The blog Escreva Lola Escreva: the way of the chronicle

Abstract

Blogs are personal pages of the web, as on-line diaries. This article, it is treated of the blog as a social media and of its textual language next of the journalism and of the literature. Analyzes the blog Escreva Lola Escreva through the methodology of the analysis of the speech. The results point a proximity with the language of the literary journalism, mainly the one of the journalistic chronicle.

Keywords: *Communication and innovation. Journalistic language. Literary journalism. Blogs.*

Referências

ALONSO, Julio. Jornalismo participativo: o jornalismo 3.0. In: ROJAS ORDUÑA, Octavio Isaac *et al.* (Org.). *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. Tradução de Vertice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ANTÚNEZ, José Luiz. Weblogs e Blogosfera: o meio e a comunidade. In: ROJAS ORDUÑA, Octavio Isaac *et al.* (Org.). *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. Tradução de Vertice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ARONOVICH, Lola. *Dados pessoais*. Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/10052573392567096050>>. Acesso em: 1º dez. 2013.

ARONOVICH, Lola. *Lola Aronovich*: blogueira do *Escreva Lola* escreva fala sobre feminismo na era virtual e polêmicas com CQC. *Revista TPM*, 2011. Entrevista concedida à Marcela Paes. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/entrevistas/lola-aronovich.html>>. Acesso em: 1º jan. 2014.

BORGES, André. *Blog*: uma ferramenta para o jornalismo. In: FERRARI, Pollyana (Org.). *Hiper-texto hipermídia*: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.

BRAGA, Adriana. *Personas materno-eletrônicas*: feminilidade e interação no *Blog Mothern*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Para gostar de ler*: crônicas. São Paulo: Ática, 1981. v. 5.

CAPRINO, Mônica Pergurer; GOULART, Elias; ROSSETTI, Regina. *Comunicação e inovação*. São Paulo: Paulus, 2008.

CASTELLS, Manuel. Communication, power and counter-power in the network society. *International Journal of Communication*, Califórnia, v. 1, p. 238-266, 2007.

ESCREVA LOLA ESCREVA. *Guest post*: o aborto que a mulher faz sozinha. 2014. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2014/01/guest-post-o-aborto-que-mulher-faz.html>>. Acesso em: 3 fev. 2014.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da redação*. São Paulo: PlubiFolha, 2007.

HEWITT, Hugh. *Blog*: entenda a revolução que vai mudar seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

KNIGHT, Alan. Who is a journalist?: journalism in the age of *blogging*. *Journalism Studies*, v. 9, n. 1, p. 117-131, 2008. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/32156/>>. Acesso em 12 fev. 2014.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009.

LONZA, Furio. *Blogs*: uma ficção. 2005. Disponível em <http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=141&titulo=Blogs:_uma_ficcao>. Acesso em: 14 dez. 2013.

MAANEN, John Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research; a preface. *Administrative Science Quarterly*, Michigan, v. 24, n. 4, dez. 1979.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo*: a saga dos cães perdidos. São Paulo. Hacker, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1967.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no holodeck*: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural/ Unesp, 2003.

ORIHUELA, José Luis. *Blogs e blogosfera*: o meio e a comunidade. In: ROJAS ORDUÑA, Octavio Isaac *et al.* *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. Tradução de Vertice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 1-20.

PENA, Felipe. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. 2006. Disponível em <<http://www.felipepena.com/download/jorlit>>. Acesso em: 14 jan. 2014.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil*. Salvador: Calandra, 2004.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, A. *Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus*. *Revista E-Compós*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *As dimensões da pragmática na comunicação*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

RODRIGUES, Nelson. Os idiotas da objetividade. In: _____. *A cabra vadia: novas confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 240-243.

ROGERS, Carl Ransom. *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes, 1967.

ROGERS, Carl. *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU, 1983.

ROJAS ORDUÑA, Octavio Isaac *et al.* (Org.). *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. Tradução de Vertice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação íntima e escrita na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, Marcelo Pimenta e. *Mudança radical na imprensa completa 50 anos*. 2009. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/mudanca_radical_na_imprensa_completa_50_anos>. Acesso em: 10 dez. 2013.

SILVA, Marcelo Pimenta e. *Mudança radical na imprensa completa 50 anos*. *Observatório da Imprensa*, n. 824, 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/imprensa/17349>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Lisboa: Edições 70, 1978.

TODOROV, Tzvetan: “Literatura não é teoria, é paixão”. *Revista Bravo*, São Paulo, 2010. Entrevista concedida a Anna Carolina Mello e André Nigri. Disponível em: <<http://bravonline.abril.com.br/materia/tzvetan-todorov-literatura-nao-teoria-paixao>>; <<http://thmari.blogspot.com.br/2010/03/sai-na-bravo-entrevista-com-todorov.html>>. Acesso em: 5 fev. 2014.

VARELA, Juan. O impacto da aparição do Sistema de Gerenciamento de Conteúdo (CMS). In: ROJAS ORDUÑA, Octavio Isaac *et al.* (Org.). *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. Tradução de Vertice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

WINCK, Otto Leopoldo. *Fundamentos filosóficos da educação*. Curitiba: Iesde Brasil, 2009.

Enviado em 29 de setembro de 2014.

Aceito em 1º de novembro de 2014.

